



CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO PROJETO 'UM QUÊ DE NEGRITUDE'

AFRO-BRAZILIAN CULTURE ON THE PROJECT 'A QUES DE NEGRITUDE'

Gilvan da Costa Santana¹

Resumo: Este artigo partiu dos conceitos polissêmicos da palavra cultura, trabalhados em disciplina de doutorado no programa de pós-graduação em língua e cultura da UFBA e relacionou à teoria a produção artística, resultante do projeto pedagógico desenvolvido em aulas de língua portuguesa do Colégio Estadual Atheneu Sergipense. O *corpus* da pesquisa se baseou em dados dos 10 anos de produção do balé folclórico denominado “Um Quê de Negritude” (UQN). O referido projeto surgiu no ano de 2007, coordenado pela Professora Clélia, visando a desenvolver junto ao corpo discente um aprofundamento acerca da História da África na interface teoria-prática e na relação intrínseca de arte-cultura, de acordo com as leis 10.639/03 (federal) e 497/04 (estadual). Numa metodologia qualitativa, portanto, consubstanciam este artigo conceitos de cultura (generalistas, particularistas, universalistas e relativistas), entrevistas e material multimídia.

Palavras-chave: cultura; ensino; linguagens.

Abstract: This article started from the polysemic concepts of the word culture, worked in doctoral discipline in the UFBA program of postgraduate in language and culture and related to the theory the artistic production, resulting from the pedagogical project developed in classes of Portuguese Language of the State College Atheneu Sergipense . The corpus of the research was based on data from the 10 years of production of the folkloric ballet called "Um Quê de Negritude" (UQN). This project was created in 2007, coordinated by Professor Clélia, aiming at developing with the student body a deepening of the History of Africa in the theory-practice interface and in the intrinsic relation of art-culture, according to the laws 10.639 / 03 (Federal) and 497/04 (state). In a qualitative methodology, therefore, this article incorporates concepts of culture (generalists, particularists, universalists and relativists), interviews and multimedia material.

Keywords: culture; teaching; Languages

¹ Doutorando em Língua e Cultura pela UFBA. Mestre em Ciências da Educação pela Universidade LUSÓFONA. Professor do Instituto Federal de Sergipe (IFS). E-mail: gilvancsantana@yahoo.com.br

Considerações iniciais

Aqui somos mestiços mulatos/cafuzos pardos
mamelucos sararás/crilouros guaranisseis e
judárabes/somos o que somos, somos o que
somos/inclassificáveis
(Antunes, 1996)

Embora considerando a notável polissemia do termo cultura, pois seu significante está repleto de significados, faz-se mister salientar que esses múltiplos sentidos adquiridos por um único elemento lexical diferem do que se chama de homonímia, pois, na polissemia, o termo destacado mantém seu aspecto etimológico, adquirindo sentidos diversos figurativos, metafóricos, metonímicos. Isso posto, pode-se inferir ser o vocábulo cultura caso de polissemia das mais ricas em língua portuguesa e apresentarem todos os seus diversos registros conceituais, em diferentes épocas e por diferentes áreas de conhecimento, algo em comum, pois cultura será sempre algo inter-relacionado com 'o cultivo de' (literal ou conotativamente).

É irrefutável, pois, a ideia de que a produção artística resultante do projeto educativo no ensino de língua portuguesa, nomeado "Um Quê de Negritude" se insere no que se denomina, polissemicamente, de cultura. Dizendo com outras palavras, a dança e a música africanas e afro-brasileiras, em seus diversos estilos, em todas as épocas, estão fortemente presentes no construto cultural, refletindo comportamentos, linguagens, representações, tradições, modernidades, valores, crenças, identidades e posturas.

Indubitavelmente, por conseguinte, constituem-se como fenômeno social e não se limitam ao espaço/tempo na produção de concepções e de significados e ressignificados que traduzem corpos, gestos, atitudes, (des)valores, (des)prazeres, desprezos e desejos humanos. Com esse propósito, a comunidade escolar em foco vem há dez anos desenvolvendo um trabalho de respeito, resgate e valorização da cultura afro-brasileira.

Trata-se de uma perspectiva que se soma a políticas de afirmação e inclusão, na busca de dirimir tantas injustiças sofridas até hoje por grupos afrodescendentes. Intenta-se, assim, buscar práticas efetivas de afirmação da identidade brasileira, por intermédio de atividades que desenvolvem de forma artístico-cultural conteúdos

interdisciplinares que envolvem as ciências sociais e humanas, no exercício profícuo concernente à história, arte, cultura, identidade africana em suas implicações brasileiras.

A propósito da polissemia do conceito de cultura na perspectiva pedagógica do UQN

Não se pode conceber vida humana sem seu atrelamento ao que se chame de cultura. Talvez por isso o termo seja alvo de significações e ressignificações diversas ao longo do tempo e concomitantemente em cada época. Cuche (1999) mostra claramente essa polissemia do que vem a ser considerado cultura em sentidos lato e estritos, desde o século XIII; o que gera, muitas vezes, discussões, polêmicas e controvérsias.

No Iluminismo, por exemplo, o termo esteve associado diretamente à cultura da terra, à cultura de micróbios etc. Convém frisar que tal acepção do termo já aparecia nos fins do século XIII em termos de terra cultivada, até porque, etimologicamente, cultura se refere ao cuidado, cultivo agropecuário. Consoante Cuche (1999), somente em meados do século XVI surge o sentido figurado, metafórico para cultura: trabalho para desenvolver uma faculdade. No entanto, tal conceito só se estabeleceu e consolidou no século XVIII, seguido de determinativos: cultura das artes, cultura das letras, cultura das ciências etc.

De acordo com esse pesquisador aqui referenciado, algum tempo depois, sem necessidade de adjuntos qualificativos, cultura se torna sinônimo de formação, instrução, educação do espírito. Para os filósofos do século das luzes, a propósito, já se considerava cultura como a soma de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade. Para Bauman (2013), tal concepção do iluminismo vê a cultura como instrumento de educação, ‘civilização’ das massas, na busca de refinamento de seus costumes:

A cultura era associada a um ‘feixe de luz’ capaz de ‘ultrapassar os telhados’ das residências rurais e urbanas para atingir os recessos sombrios do preconceito e da superstição que, como tantos vampiros (acreditava-se), não sobreviveriam quando expostos à luz do dia. (BAUMAN, 2013, p. 8)

Por isso mesmo, Bauman afirma que eram considerados sem cultura, incultos e, portanto, reprovados socialmente, por não terem 'nível', os indivíduos que não estudaram ou que tiveram baixa instrução. Por outro lado, eram considerados cultos os muito instruídos, tidos como educados, gentis e sofisticados. Nesse contexto, convém frisar, de forma até redundante, que, historicamente no Brasil, a cultura de matriz africana ou ameríndia é tratada sob a primeira acepção enquanto a visão sobre os elementos culturais presentes no país de matriz europeia está sob essa segunda perspectiva. Devido a essa inter-relação educação-cultura, até nos dias de hoje os termos se confundem e imbricam, de tal maneira que ainda se veem as dicotomias: pessoa culta X pessoa inculta; linguagem culta X linguagem inculta. E o que dizer, então, sobre a eterna mistura e confusão política nas pastas, em casos de fusão, do tipo: Ministério de educação e cultura; secretaria de educação e cultura?

No contexto do Séc. XIX, por sua vez, os estudos culturais reconhecem que Tylor já em 1878 tratava a concepção de cultura de forma universalista, etnológica, antropológica, corroborando a ideia de conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes, enfim, hábitos adquiridos pelo homem em sociedade. Em outras palavras, os modos de viver, de pensar, que caracterizam os seres humanos em sua unidade e diversidade, suas práticas coletivas, socioeconômicas, políticas, religiosas etc. Essas práticas são hierarquizadas tanto quanto as classes sociais o são.

Não obstante, Cuche (1999) deixa claro que essa hierarquização sociocultural não compromete a autonomia nas realizações dos grupos socialmente dominados, pois estes apresentam sua forte resistência e própria identidade. Por seu turno, Bauman (2013) defende a ideia de que, no passado, havia a determinação e a classificação severas do que era produto cultural de alto nível, ao gosto das elites, e do que era produto cultural ao gosto das classes inferiores, diferentemente do que ocorre hoje. Por sua vez, coube a Boas (1940) a concepção particularista de cultura a partir da tese de que há o relativismo cultural e não há povos incultos. O que significa dizer que cada cultura é única, específica, original. Nessa perspectiva, devem prevalecer o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes.

Para Mendes (2015), esses conceitos diversos de cultura formam um 'emaranhado' de diferentes campos, o que implica 'confusão'. Segundo a pesquisadora, parte desses múltiplos conceitos recebe críticas por certas correntes de estudiosos, assim como

consagração por parte de outras, como ocorre em relação a concepções generalistas em oposição a concepções particularistas e/ou absolutistas em oposição a relativistas. Mendes (2015) corrobora a tese de que não há culturas ‘puras’, todas são ‘mistas’, uma vez que, em menor ou maior grau, há contatos interculturais. Em se tratando de um país como o Brasil, tudo isso está evidenciado pela cultura sincrética oriunda da soma de contribuições das aqui já citadas três raças matriciais. Ter-se-ia nessa propositura conceitual justificativa mais que plausível para idealização e execução de projetos educacionais e culturais ambiciosos e arrojados como “UQN - Um Quê de Negritude” - em escola pública estadual.

Ratificando o que foi até o momento afirmado acerca dos múltiplos sentidos encontrados para cultura, vale lembrar o que diz Santos (1987, p.20) em seu estudo. Para ele, há duas concepções fundamentais quando se fala em cultura. “A primeira concepção de cultura remete a todos os aspectos de uma realidade social; a segunda refere-se mais especificamente ao conhecimento, às ideias e crenças de um povo”. Por conseguinte, a primeira concepção é generalizadora, incluindo todas as práticas sociais, modos de vida, num sentido bem lato, ao passo que o segundo conceito é bem estrito, restringindo cultura a um conjunto de conhecimentos, práticas ideológicas e religiosas (verdades e costumes), visto que cultura “é uma realidade histórica, resultado de processos seculares de trabalho e produção de lutas sociais, consequência das formas como a nação se produziu” (SANTOS, 1987, p.59).

Cultura afro-brasileira na perspectiva pedagógica do UQN

Conforme pesquisa feita, “Um Quê de Negritude” é formado por dezenas, quase uma centena de jovens alunos e alunas do Colégio Atheneu, que produzem, dançam, coreografam e cumprem sua função precípua de divulgar a cultura afro-brasileira, promovendo reflexões contra o preconceito racial e religioso. Numa perspectiva interdisciplinar, a Escola cumpre, de forma original e única em Sergipe, o que rezam a lei federal 10.639/2003 e a lei Estadual 5.497/04, que instituem o ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira em escolas da educação básica. Ressalte-se que a existência e resistência do UQN se deve à coordenação abnegada de sua mentora e gestora, Professora de Língua

Portuguesa, Clélia Ferreira Ramos, pois, assim como idealizou, ela mantém o projeto, a despeito de uma série de dificuldades e entraves.

Corroborando o que até então fora exposto, vale ilustrar a culminação desse projeto, por meio de alguns registros da execução por parte das equipes de iluminação, cenografia e figurino:

Imagem 1:- Iluminação



Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/seedsergipe/11083871746/in/photostream/>

Imagem 2 - Cenografia



Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/seedsergipe/11083871746/in/photostream/>

Imagem 3 - Figurino



Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/max7iylls9A/hqdefault.jpg>

As imagens ora apresentadas mostram que a efetivação do projeto está perfeitamente registrada em fotografias, além de todo um acervo de imagens e vídeos disponibilizados, inclusive, por meio de DVD, *blog*, *facebook*, *youtube* etc. O que se vê a cada espetáculo apresentado como culminância do trabalho pedagógico, conforme se constata nas imagens acima, é um vasto e coerente repertório coreográfico e musical de acordo com cada tema anual estudado intra e extra-muros da escola, recursos de iluminação especiais e cenografia bem singular, assim como figurinos autênticos e requintados jamais vistos em eventos que inserem alunos de qualquer das redes de ensino, além do que mais interessa no processo educacional presente na proposta: performances de matiz africana que comovem todo e qualquer espectador sensível ou minimamente conhecedor de sua ancestralidade.

Não fosse tudo isso aqui dito já um grande mérito, a pesquisa constatou a luta travada diante de tantos empecilhos já mencionados de forma geral e particular em se tratando de um tema ainda tão vitimado pelo preconceito. Nesse âmbito, é sempre vilipendiante ouvir comentários do tipo: “Isso é coisa de preto; É macumba na escola? Coisa de viado e do diabo; Não é aula, é enrolação; Atrapalha outras aulas; É besteira e sacanagem”. Consoante se ouviu em entrevista feita a alunos e professores. Tal postura racista, sexista e discriminadora apenas reverbera o que se constata nos noticiários de TV e na internet: mesmo em 2017, os casos de intolerância racial e religiosa, miseravelmente, ainda estão na moda e na roda. Paradoxalmente, o povo brasileiro insiste em sustentar tanto preconceito contra ‘pretos e macumbeiros’.

Fato é que, apesar das intempéries sempre sofridas por parte de quem assume e desenvolve projetos que envolvem cultura, arte, vanguarda como desafio contra as formas de opressão e preconceitos, em 2017, o trabalho do UQN chega a fazer uma década e se mostra exitoso, arrebatando enormes plateias em espaços abertos e fechados, como pôde ser comprovado *in loco*, nos teatros e auditórios sergipanos com esgotamento de ingressos e lotação máxima.

Notadamente, a música e a dança populares de raiz africana e afro-brasileira extrapolaram, há muito tempo, a simples função de mero entretenimento e ganharam importância fundamental no plano sociocultural, sendo alçadas a símbolo fundamental identitário; são legítimas representantes da cultura do país, a despeito de qualquer tipo de preconceito de pessoas ou setores da sociedade que insistam em preservar ares de nobreza e aristocracia. Senão vejamos:

John Goldthorpe, sociólogo de Oxford altamente respeitado, concluiu que, na hierarquia da cultura, não se pode mais estabelecer prontamente a distinção entre a elite cultural e aqueles que estão abaixo dela a partir dos antigos signos: frequência regular a óperas e concertos; entusiasmo, em qualquer momento dado, por aquilo que é visto como “grande arte”; hábito de torcer o nariz para “tudo que é comum, como uma canção popular ou um programa de TV voltado para o grande público”. (BAUMAN, 2013, p. 5).

Nesse sentido, nos tempos hodiernos, cidadãos costumam mesclar, enriquecer, diversificar seu repertório de produtos culturais, sem barreiras ou preconceitos. Assim, em pleno séc. XXI, por exemplo, soaria como anacrônico qualquer rótulo que estabelecesse o que venha a ser *grande arte* ou *sub-arte*. Na ótica de Bauman (2013), destarte, hoje, ofertas superaram proibições; proposições superaram normas. Mudanças são constantes e, mesmo em termos de cultura, há um mercado de consumo orientado para a rotatividade; sem os anteriores rígidos padrões de exigências, há aceitação de todos os gostos, flexibilização inexistente em séculos anteriores, conquanto ainda existam setores da sociedade que insistam em não reconhecer essa nova realidade, conforme já fora dito.

Diante do que foi exposto concernente aos conceitos de cultura, infere-se que o corpo de baile do Colégio Atheneu, magistralmente, resgata o legado inesgotável das danças, dos orixás, dos ritos, das lendas, dos mitos, das cores, das dores, dos sabores negros na formação da

Cultura Brasileira, tão rica e multifacetada. No entanto, não somente a mentalidade tacanha de uma pretensa elite vassala e xenófila, mas também a desinformação insipiente das classes populares insistem em simplificar, vilipendiar e não reconhecer o fato de, indubitavelmente, a produção musical e coreográfica afro-brasileira ser parte significativa do patrimônio cultural de nosso país, registro de modus vivendi.

Isso se comprova claramente nas imagens, tais como as apresentadas a seguir:

Imagem 5 - Iansã-Ayabás



Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/seedsergipe/11083871746/in/photostream/>

Imagem 5 - Oxóssi



Disponível em: <https://i.ytimg.com/vi/UVbYydIxxkU/hqdefault.jpg>

Imagem 6 - A gira



Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/seedsergipe/11083871746/in/photostream/>

Imagens como essas aqui apresentadas mostram, no mínimo, que é preciso haver respeito às diversas práticas religiosas, crenças, mitos, lendas, enfim, a todo o cabedal histórico-cultural, independentemente de qual seja o povo ou nação. Contrariando essa tese, o que se vê num país como o Brasil é a hipervalorização de lendas e mitos gregos, romanos, celtas, por exemplo. Eles fazem sucesso gigantesco e batem recordes em livros e filmes, mas, quando se fala de História, Cultura e Mitologia africanas, o que se nota é um total desprezo e menosprezo.

Na verdade, não há mais beleza (nem menos) no panteão constituído de figuras como Zeus, Hera, Posidão, Atena, Apolo, Afrodite, Hermes, Dioniso e os outros Deuses gregos ou Júpiter, Juno, Neptuno, Minerva, Marte, Vênus, Mercúrio, Baco e os outros Deuses romanos se comparados com o panteão afro-brasileiro formado por Oxalá, Ogum, Oxóssi, Obaluaiê, Xangô, Oxum, Iansã, Iemanjá e os outros Deuses afro-brasileiros. Vale lembrar que todas essas mitologias se pautam nos mesmos quatro elementos: água, terra, fogo e ar; tal fato, inclusive, aproxima muito as características das divindades de variadas mitologias.

Muito além de se tratar de religião, essa assertiva trata de cultura e ancestralidade. Inclusive, há uma corrente antropológica que questiona o famoso sincretismo religioso; segundo ela, tal conceito marca sujeição e até rejeição da cultura/religião do negro pela supremacia euro-brasileira. Fato é que negar e renegar a importância, o valor, a riqueza e a beleza de toda uma cultura de origem sudanesa e banta que deixou marcas indelévels nas diversas áreas culturais do Brasil é uma profunda arbitrariedade.

Em suma, com base no que já foi exposto e dizendo em outras palavras, diante dessa realidade, o trabalho desenvolvido por UQN mostra a necessidade premente de, a cada dia, se reafirmar e reconhecer o papel verdadeiramente educativo por meio da Arte e da Cultura, perante alunos, pais de alunos, colegas, familiares e sociedade sergipana, pois, segundo a professora criadora do projeto: "A educação escolar precisa assumir o seu papel para minimizar a desigualdade social e o preconceito racial no Brasil". Para ela, tais questões são um constante desafio.

Considerações finais

Ao longo do percurso traçado neste artigo, buscou-se mostrar o quão é complexo tentar uma definição para termos do alcance de cultura. Ademais, intentou-se inserir a proposto do UQN nessa polissêmica acepção da palavra. Trata-se de aspectos complexos e inesgotáveis, tais como cultura, arte, educação, religião, (pré)conceitos.

À guisa de (in)conclusões, pode ser dito que as definições mais empregadas para o termo cultura ao longo do tempo e por várias áreas das ciências sociais são: no sentido etimológico, cultura como cuidado, cultivo: cultura da terra, cultura de micróbios, cultura de abelhas, (agri)cultura, cultura pecuarista; por extensão, no sentido figurado: trabalho para desenvolver uma faculdade. Temos, assim, cultura das artes, cultura das letras, cultura das ciências, cultivo das almas; na perspectiva iluminista: formação, instrução, educação do espírito, soma de saberes acumulados e transmitidos pela humanidade, instrumento de educação, 'civilização' das massas; em sentido amplo: modos de viver, de pensar que caracterizam os seres humanos em sua unidade e diversidade; práticas socioeconômicas, políticas, religiosas; conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, costumes, enfim, hábitos adquiridos e transmitidos em sociedades humanas, envolvendo todos os aspectos de uma realidade social; suas verdades, seus costumes, suas ideologias, portanto, suas identidades.

Importante sempre ressaltar e corroborar a perspectiva do relativismo cultural: cada cultura é única, específica, original. Nessa abordagem, logo, devem prevalecer o respeito e a tolerância em relação a culturas diferentes. Posto isso e lançando mão da interface teoria-prática, acredita-se, veementemente, ter comprovado ser o projeto UQN aqui

apresentado exemplo incontestado de realização teórico-prática de cultura: cultivo de almas, manifestação artística, soma de saberes acumulados, instrumento de/para educação, prática socioeconômica, resgate hábito, costume e tradição étnico-racial, verdades ideológicas e identitárias da população em forma de arte.

Em síntese, o projeto UQN desde 2007 cumpre seu papel artístico-pedagógico na consolidação de uma consciência de seu papel no combate da discriminação sócio-étnico-racial e na construção da autoestima afrodescendente, por meio de atividades interdisciplinares, palestras, workshops, ensaios, produção e apresentações grandiosas de espetáculos durante todo o ano, cuja culminância se dá no mês da consciência negra. Quem sabe se, através de iniciativas dessa grandeza, não se paga parte de uma dívida impagável da sociedade brasileira pseudo-europeizada para com as nações de benguelas, angolas, moçambiques, congolezes, iorubás, geges, minas, nagôs, malês e tantos outros grupos, nações e descendências deles.

Não seja um imbecil/ Não seja um ignorante/Não se importe com a origem ou a cor do seu semelhante/ O que importa se ele é preto e você é branco/ Aliás, branco no Brasil é difícil/ Porque no Brasil somos todos mestiços/ Se você discorda, então olhe para trás/ Olhe a nossa história/ Os nossos ancestrais/ O Brasil colonial não era igual a Portugal/ A raiz do meu país era multirracial.
(Pensador, 1993).

Referências

- ANTUNES, Arnado. **O silêncio**. Inclassificáveis, BMG, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BOAS, Franz. **Race. *Langttage and Culture***, New York: Macmillan, 1940.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**, Bauru: edusc, 1999.
- MENDES, Edleise. A ideia de cultura e sua atualidade para o ensino-aprendizagem de le/12. In: **EntreLínguas**. Araraquara, v. 1, n.2, p. 203-221, jul/dez 2015.
- PENSADOR, Gabriel. **Lavagem cerebral**, Sony Music, 1993.

Gilvan da Costa Santana

SANTOS, José Luiz Carlos. **O que é cultural?** 6. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Recebido: 30/06/2017

Aprovado: 12/08/2017